LUÍS DE STTAU MONTEIRO

2 Peças em um acto

A Guerra Santa

A Estátua

Ática

LUÍS DE STTAU MONTEIRO

2 PEÇAS EM UM ACTO

A GUERRA SANTA

A ESTÁTUA

ULFLOT01105
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

2.ª edição
com um novo prefácio

EDIÇÕES ÁTICA
LISBOA

Capa de
MANUEL PAULA

© *by* ÁTICA, S. A. R. L., Lisboa

Distribuição exclusiva:
LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.
Apartado 37 — Amadora

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Livraria Bertrand, S.A.R.L., Rua João de Deus, Venda Nova, Amadora

Acabou de imprimir-se em Dezembro de 1974

A ESTÁTUA

(Antes de o pano subir, mas estando a sala já às escuras, ouve-se a voz do narrador.)

«Era uma vez uma cidade, que, apesar de nunca ter existido, se pode considerar como existente.

Esta cidade tinha casas, ruas, parques com árvores e pavões, lojas, cinemas e tudo o mais que as cidades têm, ou devem ter, para que os homens as classifiquem de cidade.

E tudo o que esta cidade tinha estava animado de vida: os pavões esvoaçavam nos parques, as árvores floriam na Primavera, as crianças jogavam à bola na rua, os amantes passeavam de mãos dadas e os velhos aqueciam-se ao sol nos bancos das avenidas.

Nas casas desta cidade vivia gente, os seus cinemas eram frequentados por gente, nas suas lojas trabalhava gente e dentro da gente que vivia nas suas casas, frequentava os seus cinemas e trabalhava nas suas lojas, vivia a morte e a vida.

(O pano começa a subir muito lentamente.)

Até nisto esta cidade era igual a todas as outras, já que a sua gente se assemelhava à gente que vive em todas as cidades.

Toda a gente tem em si a morte e a vida.
A morte e a vida estão em toda a gente.»

(O pano chega ao alto do proscénio. Em frente dum ciclorama, iluminado de forma a perceber-se que o dia está prestes a nascer, há uma construção tubular desmontável, paralela ao ciclorama, que representa, aos olhos do público, a parte edificada da cidade. Esta construção tem dois planos ou andares e está dividida em apartamentos decorados de forma diferente para que se distingam uns dos outros. A decoração, porém, deverá ser reduzida a um mínimo imprescindível: meia dúzia de elementos estilizados e nada mais. O autor nem sequer tem a certeza de que estes elementos sejam necessários, já que vê o palco duma forma diferente cada vez que fecha os olhos.

Numerando os apartamentos da esquerda para a direita e de cima para baixo, temos, para melhor se compreenderem as rubricas, os apartamentos 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

Quando o pano chega ao alto do proscénio, os apartamentos não estão iluminados. Vê-se em contraluz — já que apenas está iluminado o ciclorama — a construção tubular, que virá a ser o personagem principal desta peça, e vêem-se também em contraluz os vultos dos ocupantes dos apartamentos.)

«Nesta cidade existente e inexistente, o dia nasce como em todas as cidades.

Qual é o primeiro dos ruídos que anuncia a madrugada numa cidade?

O cantar dos pássaros nos jardins?

O assobiar dos padeiros, rua fora, a caminho das padarias?

O resmungar dos bêbados que regressam a casa, perdida mais uma das poucas noites da vida?

O ruído do combate entre a vida e a morte que vive na gente?

Ninguém sabe, mas o dia nasce todos os dias e isso é o que interessa.

O dia nasce e só porque o dia nasce...

(A iluminação do ciclorama aumenta muito lentamente de intensidade. Surge, subitamente iluminada, no apartamento 3, uma rapariga de cabelo comprido descaído sobre os ombros, que se levanta e espreguiça com lentidão.

O ritmo é lento, contido, tão definitivamente marcado que deixa adivinhar uma técnica de representação inteiramente oposta à chama técnica naturalista.

Para efeito desta peça, o «natural» esbarrou com o fosso da orquestra e ficou lá fora, na plateia e nos *foyers* do teatro. Da boca do palco para dentro tudo é irreal, representado, deliberadamente falso, para que os espectadores aceitem a realidade intrínseca da peça e não sejam tentados a comparar os personagens com as pessoas que encontram durante o dia e a acção com o seu horário de trabalho. Preten-